

Estudo sobre os Direitos Humanos a partir dos relatos e retratos das batalhas pela libertação da Argélia

Study on human rights from the stories and portraits of the struggles for the liberation of Algeria

Flavio José Ramalho da Fonseca¹; Erinaldo Ferreira do Carmo².

Resumo

Este artigo foi desenvolvido, no formato de relato de experiência, a partir do envolvimento de estudantes do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (CAp-UFPE), nos Estudos de Direitos Humanos, disciplina eletiva da parte diversificada do currículo escolar. Por meio da análise fílmica e da pesquisa bibliográfica foram observadas as práticas de tortura como estratégia de guerra e a degradação da vida humana como medida de controle estatal sobre a sociedade. Estudar a questão dos Direitos Humanos a partir dessa abordagem se torna relevante porque as técnicas de tortura utilizadas na Argélia foram institucionalizadas em diversos países do mundo durante a Guerra Fria, e também por ter sido exatamente a França a precursora dos Direitos do Homem e do Cidadão, com a Declaração emergida da Revolução Francesa e inspiradora ao mundo inteiro do lema Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

Abstract

This article was developed in the format of an experience report, from the involvement of students from Application School of the Federal University of Pernambuco, in Human Rights Studies, elective discipline of the diversified part of the school curriculum. Through film analysis and bibliographical research, torture practices were observed as a war strategy and the degradation of human life as a measure of state control over society. Studying the issue of human rights from this approach becomes relevant because the techniques of torture used in Algeria were institutionalized in several countries of the world during the Cold War, and also because it was precisely France that was the forerunner of Human Rights and the Citizen, with the Declaration emerged from the French Revolution and inspiring the world of the motto Freedom, Equality, Fraternity.

Palavras-chave: Argélia. Direitos Humanos. Tortura.

Keywords: Algeria. Human Rights. Torture.

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Bolsista do PIBID e Estagiário no Colégio de Aplicação da UFPE.

² Professor de Sociologia do Colégio de Aplicação da UFPE.

Introdução

A abordagem de temáticas sobre os Direitos Humanos na educação básica é uma excelente oportunidade para se trabalhar com adolescentes, em sua formação inicial, a cultura de paz e a resolução pacífica de conflitos. É, ainda, um espaço apropriado para a pesquisa sobre os conflitos internacionais e também uma oportunidade de conhecer situações históricas que marcaram as mobilizações em algumas sociedades pela valorização da liberdade e pelo respeito à vida humana.

Na escassez de material didático de conteúdo de Direitos Humanos voltado para esse público, o uso de filmes torna-se um recurso estratégico, pois, associadas às leituras paralelas e aos debates em sala de aula, mediados pelo professor, as análises dos enredos fílmicos possibilitam aos estudantes a curiosidade na busca por novas informações que auxiliem o debate, a autonomia na realização de estudos correlatos organizados por eles próprios, a originalidade no desenvolvimento de ideias para a elaboração de argumentações e análises durante os debates e a iniciativa na redação de textos que descrevem as análises fílmicas e as ações realizadas.

Nesse sentido, durante o período de um bimestre letivo, estudantes do Colégio de Aplicação da UFPE, participantes da disciplina de Direitos Humanos, da Parte Diversificada do currículo escolar, assistiram primeiramente ao filme *A Batalha de Argel* e em seguida realizaram debates sobre os fatos retratados nessa obra. Na sequência, fizeram o levantamento de textos acadêmicos referentes ao tema, seguido de novos debates. Posteriormente, assistiram ao filme *Na Mira do Inimigo* e seguidamente efetivaram os mesmos procedimentos de debate em sala, novas pesquisas de textos sobre a Argélia e leitura de matérias de jornais da época que noticiaram a luta desse país pela sua independência, culminando na produção de textos, desenvolvidos pelos próprios alunos e condensados aqui neste trabalho.

1. Aspectos fílmicos

A luta pela independência da Argélia começou no final do ano de 1954 e durou sete anos, causando a morte de milhares de pessoas, civis em sua grande maioria. No combate às tropas de ocupação francesas, jovens argelinos, integrantes da FLN (Frente de Libertação Nacional), iniciaram os movimentos para pôr fim ao domínio francês que perdurava desde 1830, quando ocorreu a invasão e ocupação europeia do norte da África.

Esse período de acirramento dos conflitos é mostrado em riqueza de detalhes nos filmes *A Batalha de Argel* (*La Bataille d'Alger*), de 1965, dirigido por Gillo Pontecorvo, e *Na Mira do Inimigo* (*L'ennemi intime*), de 2007, dirigido por Florent-Emilio Siri. Ambos os filmes foram adotados como mecanismos iniciadores dos debates entre alunos em sala de aula e incentivadores às pesquisas sobre as temáticas abordadas em ambas as produções fílmicas. As atrocidades das batalhas e as crueldades dos atentados terroristas estão retratadas nesses dois filmes clássicos que revelam ainda o uso excessivo da força para a dominação estrangeira e a luta desesperada da população nativa pela liberdade.

A Batalha de Argel apresenta momentos determinantes da luta pela independência do país, contextualizados nos confrontos ocorridos entre 1954 e 1957.³ Essa obra mostra a ação paralela dos dois lados beligerantes, a FLN e o exército francês. Enquanto o primeiro usava técnicas de guerrilha e o terrorismo, os soldados franceses usavam a repressão e a tortura na tentativa de eliminar os rebeldes. A execução dessa obra contou com a ajuda do povo argelino e o apoio de alguns dos próprios membros da FLN, como Yacef Saadi, que foi o produtor associado do filme, colaborando diretamente com o diretor italiano Gillo Pontecorvo.

Na filmagem, algumas ações da FLN mostram a tentativa dos líderes desse movimento na reordenação da moral e dos costumes argelinos, dentre eles a extinção da prostituição e do uso de drogas. Também são apresentados fatos relevantes que fizeram parte do contexto de luta pela independência do país, como a discriminação ao árabe, praticada pelos colonos franceses; o isolamento dos nativos em bairros controlados, como Casbah; a tortura praticada pelos soldados franceses; e os atentados terroristas da FLN.

³ Estima-se que cerca de dois milhões de soldados franceses foram mobilizados para a manutenção do domínio sobre a Argélia. Desses, 27 mil morreram nos conflitos contra a FLN. Pelo lado argelino, calcula-se que morreram cerca de 600 mil pessoas em decorrência das ações francesas de repressão aos grupos rebeldes e aos ideais de libertação. O economista Izerrougene (1999) estipula um número bem maior de vítimas argelinas, quando diz que nesse período, os confrontos causaram grandes perdas aos árabes, que pagaram um alto preço pela independência, resultando em aproximadamente “um milhão e meio de mortos, numa população de onze milhões” (IZERROUGENE, 1999, p. 286).

Nas ações de combate aos integrantes da FLN, a maior dificuldade do exército francês e, em especial, do comandante Mathieu (personagem inspirada no coronel Jacques Massu, que ficou conhecido na guerra real como o carrasco de Argel) era identificar os inimigos. Por isso, em suas táticas de guerra, Mathieu associa crueldade e cinismo, numa clara afronta e indiferença aos guerrilheiros argelinos.

O filme traz uma construção do realismo, com a busca da valorização do levante através dos diálogos e das imagens, numa aproximação à realidade histórica vivida pelos argelinos, com uma narrativa que segue a reconstituição formal dos acontecimentos e dos agentes, inspirada no fato real. Entretanto, ainda assim, a obra traz algumas lacunas, não mostrando, por exemplo, a atuação e o envolvimento de políticos locais, nem apresentando as ligações entre os grupos rebeldes urbanos e os grupos revolucionários das áreas montanhosas, já que a revolta teve origem nos pontos mais interioranos do país e só depois é que atingiu a capital Argel. O enredo fílmico também não contempla a influência religiosa no movimento, apesar da ideia de nação islâmica livre ter sido marcante para a luta travada contra os franceses, como afirma Izerrougene (1999), para quem o recurso à ideologia da nação islâmica nos movimentos de independência foi fundamental. O combate ao colonialismo se fez em nome da defesa de uma identidade nacional, fundamentalmente árabe e islâmica.

Na Mira do Inimigo, por sua vez, apresenta a guerra pela libertação da Argélia na zona rural, no acompanhamento de jovens soldados franceses lutando em condições precárias, em ambientes hostis e ações desumanas. O filme mostra a guerra por dentro, o dia a dia dos combatentes, homens a um passo da insanidade, as contradições entre a tolerância e a atrocidade, entre o combate planejado e a prática de tortura, entre a racionalidade e a loucura. Em uma batalha travada fora das cidades, distante dos centros urbanos, os soldados se deparam com inimigos que surgem das montanhas e vilas bucólicas, que tomam de assalto e armam emboscadas, que conhecem a região melhor do que o inimigo invasor.

O episódio representa o momento em que a França envia o excessivo contingente de 500 mil soldados para o conflito na Argélia, incluindo oito mil homens do temido grupo de paraquedistas, experientes por terem combatido as forças nazistas na Segunda Guerra Mundial. Esses desembarcam em Argel, em 1957, com a missão de combater definitivamente a FLN e quaisquer manifestações rebeldes. A FLN, por sua vez, ciente da impossibilidade de vencer militarmente o conflito, utiliza estratégias de envolvimento da população civil, por meio de ataques isolados e do terrorismo. Já os franceses reagem com um espantoso nível de

violência, incluindo o uso institucionalizado da tortura e ainda o emprego de armas químicas, como a bomba napalm.⁴

O roteiro do filme aborda os embates ocorridos no ano de 1959, descrevendo o ambiente militar e a tendência à loucura e à ação irracional entre os soldados franceses, homens comuns que se tornaram agentes torturadores autorizados pelo estado dominador, jovens normais que viraram insanos, preterindo seus valores humanos em detrimento de uma causa perdida, tornando-se tão vítimas do seu estado, quanto os colonizados.

Na trama, o tenente Terrien, substituto de um tenente recém-falecido, entra em conflito com o tenente Dougnac, um veterano de guerra, por discordarem das ações praticadas contra os inimigos. O novato Terrien mostra-se cuidadoso nos confrontos e respeitoso, mesmo com os argelinos, considerando-os humanos antes de tudo, não aceitando que a guerra possa mudar a índole de um homem, nem tirar-lhe o sentimento de humanidade. Com o passar do tempo, o jovem tenente vai se adaptando às crueldades da guerra e se afastando do pensamento humanizado. No final, Terrien reproduz as mesmas práticas de Dougnac, mostrando como a guerra transforma os homens, deixando-os igualmente agressivos. A guerra mata primeiramente a civilidade do indivíduo. Por isso ela se torna o campo ideal para a mutilação de corpos e mente, sem dó ou piedade, moldando homens do estado para agir como bestas, e com a chancela do seu governo.

A tortura marca de maneira indelével o corpo dos torturados, mas também corrompe a mente dos torturadores. Progressivamente, a sociedade inteira se vê atingida por esse câncer insidioso, esse ataque ao pacto fundamental que liga uns aos outros cidadãos de cada país, pacto segundo o qual o estado é o fiador da justiça e do respeito por todo ser humano. Um estado que legaliza a tortura não é uma democracia. (TODOROV, 2012. p. 62).

Esses instrumentos de tortura física e psicológica utilizados pelo exército francês e as técnicas degradantes de obtenção de informações e confissões foram exportados para outros exércitos em diversos países do mundo para a atuação contra civis, a exemplo do Brasil em seu período de ditadura militar, fazendo parte do sistema estatal de vigilância e controle da sociedade. No caso do primeiro filme, ainda é possível perceber no roteiro os seguintes enquadramentos: a omissão da Organização das Nações Unidas, que favoreceu a França ao deixar de enviar as forças de paz para a Argélia, permitindo que a guerra se prolongasse e se

⁴ Arma incendiária formada por líquidos inflamáveis, à base de gasolina gelificada. O nome deriva dos seus componentes principais: **nafténico** e **palmítico**. Só em 1980 foi que o uso de armas incendiárias contra civis foi proibido, através do Protocolo III da Convenção da ONU sobre armas convencionais.

tornasse uma imensa chacina de civis; o importante papel da imprensa francesa na deturpação dos fatos e na divulgação da propaganda dos interesses franceses; a liberação intencional do uso de drogas, principalmente do álcool, para entorpecer e controlar melhor a população local, de uma forma semelhante à estratégia usada pelos ingleses contra os chineses na Guerra do Ópio; e ainda as técnicas sistematizadas de torturas aplicadas aos prisioneiros (choque elétrico, queimaduras, afogamento e pau-de-arara) na frente dos seus familiares.

2. Abordagem temática

A apresentação desses filmes propicia a investigação e o conhecimento da luta pela independência da sociedade argelina, bem como da repressão do governo francês a esse povo para manter o seu domínio sobre sua mais importante colônia em território africano. Nesse período, a manutenção das colônias era fundamental para saldar os prejuízos da França com a Segunda Guerra Mundial. As riquezas geradas nas colônias eram indispensáveis para a recuperação da metrópole europeia. Ao mesmo tempo, a França detinha um grande exército montado e que não tinha mais utilidade, devido ao fim da Guerra. Então, encontrou na Argélia uma finalidade para seus soldados ociosos, enviando-os em grande quantidade para promover o massacre aos rebeldes argelinos.

Na conquista da Argélia, o pretexto inicial foi a ação de combate aos piratas argelinos no Mar Mediterrâneo. Em 1830 os franceses invadiram a Argélia e iniciaram por aí sua dominação do norte africano. Conquistaram parte do Congo, dominaram a Tunísia, ocuparam parte do Sudão e se apropriaram do Marrocos. Assim, os franceses foram os maiores conquistadores de territórios africanos (Fig. 1). Como indicam Braick e Mota (2010), essas conquistas tiveram fortes incentivos políticos e econômicos: no plano político, os franceses visaram recuperar o prestígio internacional, então abalado pelas derrotas napoleônicas; e no plano econômico, asseguraram grandes lucros aos empreendedores privados.⁵

⁵ “Acompanhando esse processo de expansão econômica, as burguesias das grandes potências voltaram-se para a exploração de territórios fora de suas fronteiras nacionais, dando início ao neocolonialismo, ou imperialismo. Elas estavam em busca de novos mercados consumidores [além de matéria prima em abundância e mão de obra barata] e áreas para investir o capital excedente do processo industrial. O neocolonialismo assinalou o domínio territorial e econômico da África e da Ásia pelas potências industriais da época.” (BRAICK; MOTA, 2010, p. 11).

Figura 1. Possessões francesas na África



A Argélia, desde o início do domínio francês, foi colônia de povoamento, onde as terras expropriadas dos nativos foram repassadas aos colonos franceses, chamados de *pied-noirs*, em um processo que empurrou os argelinos para as áreas menos produtivas, mais próximas do deserto. Com isso os franceses desestruturaram a economia argelina, antes voltada para o plantio de cereais e outros alimentos para a população local e a transformaram em uma economia de dependência, agora com uma agricultura voltada para o cultivo de videiras, em regime de *plantations*, e a produção e exportação de vinhos para a Europa.

Apesar da desestruturação no campo, segundo Yazbek (1983), na parte urbana a sociedade argelina ainda conseguiu progredir um pouco, devido ao crescimento industrial das mineradoras, a expansão da malha rodoviária, o desenvolvimento das ferrovias e a geração de novos empregos. Com a concentração de terras no campo e o surgimento de novos postos de trabalhos na cidade, houve uma migração para o centro urbano e isso resultou no crescimento da população de Argel, onde se podia contar com uma infraestrutura moderna e também a melhoria das condições econômicas dos seus moradores. Mas também se acentuou o acúmulo de miséria nos bairros periféricos, com o crescimento da população pobre. Mesmo assim, a insatisfação nas áreas rurais era maior, sendo nesses espaços onde os manifestos e ataques em defesa da libertação nacional eclodiram inicialmente.

Foi nesse contexto que surgiram as primeiras organizações nacionalistas, como a Estrela Norte Africana, comandada por Messali Hadj, uma organização que foi fortemente reprimida pelo governo francês e levou Hadj a se associar a outras lideranças para criar o

Partido do Povo Argelino, em 1937, que posteriormente deu origem à *Organization de Sécurité*, uma força paramilitar composta por grupos menores, chamados de células, que atuavam clandestinamente na luta armada contra o controle francês.

Os líderes da *Organization de Sécurité* (Ahmed Ben Bella, Ben Boulaïd, Ben M'hidi Larbi, Didouche Mourad, Bitat Belkacem, Mohamed Khider) criaram, em 1954, o Comitê Revolucionário de Unidade e Ação e este, por sua vez, criou a Frente de Libertação Nacional e o Exército de Libertação Nacional, o braço armado da organização, que foi dividido em três tropas com ações distintas: os *moudjahidines*, guerrilheiros armados para os confrontos diretos; os *fidaiyines*, responsáveis pelos atentados terroristas; e os *moussebilines*, atuantes nas operações de apoio, transporte de armas, socorro aos feridos e serviços de espionagem.

Os alunos identificaram, em suas pesquisas sobre a ocupação francesa, sobre a luta pela independência dos argelinos e sobre a agressão aos Direitos Humanos durante esse processo, que os conflitos se agravaram sobremaneira com o fim da Segunda Guerra. É que muitos muçulmanos argelinos e de outras partes da região magrebina⁶ haviam sido arregimentados para lutar ao lado dos soldados franceses contra a ocupação nazista, com a promessa de que, após a Guerra, a Argélia ficaria livre.⁷

Apesar de terem lutado na Europa e na África, em apoio ao exército francês, após o fim da Guerra e o não cumprimento da promessa pelo general Charles de Gaulle, os soldados argelinos se revoltaram e promoveram levantes nas cidades de Sétif e Ghelma (Fig. 2). No esforço para conter os rebeldes e evitar a expansão do movimento insurgente à capital, o exército francês massacrou aldeias inteiras nessas duas cidades, o que deixou os argelinos ainda mais revoltados e incitou a população árabe a se envolver diretamente na luta armada pela independência. Nesse sentido, a barbárie autorizada pelo governo francês pôs a população árabe contra a ocupação e a opressão estrangeira.

⁶ Magrebe (poente, ou ocidente, em árabe) corresponde à região noroeste do continente africano. Compreende os países da parte ocidental do mundo árabe (Marrocos, Saara Ocidental, Argélia, Tunísia, Mauritânia e Líbia). De outro lado está a região Maxerreque (nascente, ou oriente), que compreende o Egito e a parte asiática do mundo árabe.

⁷ Esse fato é abordado no filme *Dias de Glória (Days of Glory)*, dirigido por Rachid Bouchareb e lançado em 2006, que narra a história de quatro dos 130 mil jovens argelinos que deixaram suas aldeias e se uniram ao exército francês, em 1943, para combater os inimigos nazistas.

Figura 2. Localização da Argélia



Em retaliação aos movimentos rebeldes, a França, berço da liberdade e da luta pelos ideais democráticos, em sua relação com a colônia mostrou o seu discurso vazio e sua prática imperialista, na tentativa de manter o controle a todo custo. Em 1948, durante o processo eleitoral na Argélia, o governo francês impediu que candidatos favoráveis à independência chegassem ao poder. Para isso, de acordo com Poerner (1966), jornais foram apreendidos, urnas violadas, reuniões públicas proibidas, policiais controlaram a votação em algumas localidades e em outras os títulos eleitorais não foram distribuídos.

Então, os argelianos saíram às ruas [...]. A demonstração a princípio pacífica foi interrompida pela intervenção inesperada do exército francês, auxiliado pelos soldados senegaleses. A permissão de abater muçulmanos nas ruas foi estendida aos colonos, que se emularam com a Legião Estrangeira no saque e no assassinato. O ódio, misto de medo, dos colonos tornou incontável a sublevação armada em Sétif e Ghelma, onde o povo revidou o massacre, atacando alguns centros de colonização. (POERNER, 1966, p.24).

Com as constantes retaliações francesas e a ostensiva opressão dos argelinos, a FLN ganhou maior expressividade nas áreas urbanas, conquistando a adesão de muçulmanos, progressistas, intelectuais, liberais e comunistas, além do apoio de grupos de outros países, como o Egito, Marrocos e Tunísia. Mas, internamente havia conflitos entre esses grupos, como afirma Yazbek (1983), pois os integrantes do Partido Comunista não concordavam com as ações terroristas, nem com os aspectos religiosos do movimento. Porém, a causa central prevaleceu, sucumbindo as diferenças políticas e ideológicas.

Aos franceses, a manutenção de sua principal colônia era uma questão de honra, para mostrar sua força e grandeza ao mundo do pós-Guerra; econômica, para restabelecer suas finanças públicas e salvaguardar os lucros das empresas privadas nacionais; e política, para enaltecer a força interna do governo de Charles de Gaulle. Mas, a Argélia, que foi a porta de entrada dos franceses do continente africano, também foi a porta de saída. A guerra argelina tornou-se o calcanhar de Aquiles do imperialismo colonial francês.⁸ Isso porque, ao concentrar esforços na Argélia, a França reduziu o seu poder de controle sobre as demais colônias.

Nos territórios dependentes, a Guerra da Argélia, ao monopolizar as atenções dos colonizadores, permitiu que o Marrocos e a Tunísia, protetorados⁹ franceses onde se registrava crescente agitação pela independência, obtivessem emancipação política (em 1956). O acontecimento despertou em muitos setores a percepção de que o mesmo acontecesse nas demais colônias da França, e nesse rol, na própria Argélia. (SERRANO; WALDMAN, 2007, p. 257).

Dessa forma, até o final da década de 1960, 14 colônias francesas tinham se declarado independentes. A própria população francesa já não suportava mais arcar com os elevados custos de sucessivas guerras (contra os nazistas, contra os vietnamitas na Indochina, e agora contra os africanos). Diante do enfraquecimento do controle francês, em setembro de 1958 foi proclamado o Governo Provisório da República da Argélia, imediatamente reconhecido pelo Egito, Líbia, Marrocos e Tunísia. Só em 1962 De Gaulle optou por deixar a Argélia livre do domínio francês, representando finalmente a independência do país. Após a independência, a FLN se transformou em partido único e o país passou a ser controlado pelas forças armadas, tendo Bem Bella assumido o cargo de chefe de governo. O governo militar adotou o protecionismo industrializante, o paternalismo social populista e o comunitarismo islâmico.

⁸ O imperialismo colonial europeu, de acordo com Arendt (1989), teve como marcas o expansionismo, a burocracia colonial e o racismo. Os europeus concordaram com a dominação colonialista, plenamente justificada pelo racismo, como demonstração de superioridade da raça branca.

⁹ Trata-se de um estado sem soberania, que é controlado pela autoridade de outro estado. Os protetorados possuem alguma autonomia, mas estão ligados a uma potência protetora que conduz suas relações externas, manipula sua economia e controla sua defesa.

3. Debate e contextualização

Antes da incursão francesa, Argel estava povoada por argelinos (turcos, árabes, berberes e alguns espanhóis). Com a colonização francesa, a cidade logo foi invadida por europeus cristãos que ocuparam o comércio e as principais localidades da cidadela. Os nativos urbanos foram marginalizados e empurrados para bairros fechados. Com isso, os primeiros moradores, que haviam desenvolvido uma rica civilização, foram confinados em localidades isoladas e cercados pela cidade moderna francesa. A língua, a religião e os costumes foram atrofiados e uma cultura alheia e dominante se instalou pela força, em um processo de aculturação colonial. Os vícios trazidos pelos colonizadores se espalharam e contaminaram as tradições locais e a ética religiosa da população nativa. Por isso, em *A Batalha de Argel* pudemos identificar as atuações da FLN, durante o período de confronto, com a determinação da pena de morte aos traficantes, cafetões e viciados de Casbah. Essa foi uma primeira medida dos rebelados na tentativa de restabelecer a ordem moral dos argelinos, numa expressiva retomada da cultura local com forte influência muçulmana, intolerante às práticas ocidentais de deturpação dos valores morais e religiosos.¹⁰

É inegável a influência da religião na resistência argelina. Diante da ausência de identificação com uma nação francesa, a maioria dos árabes e berberes buscou na religião uma identidade comum e, ao mesmo tempo, de negação ao colonialismo, aclamando a Argélia como nação, o árabe como língua e o islamismo como religião. Hernandez (2008) registra que a população árabe não aceitava as políticas e os métodos executados pela burocracia colonial por serem incompatíveis com uma gestão de raízes islâmicas, fundamentada em um sistema moral santificado.

Nesse sentido, importa ressaltar que a religião foi um forte componente nos movimentos de resistência na África, em particular entre 1880 e 1914. Melhor explicando: nos momentos em que a colonização se fez perturbadora, a religião, em graus diferenciados, cristalizou a tomada de consciência, organizou o protesto e se converteu em instrumento de oposição. A violência sofrida, por um lado, e a impotência material por outro, favoreceram o recurso ao sagrado como afirmação cultural. (HERNANDEZ, 2008, p. 112).

¹⁰ De acordo com Geertz (2004), o que acontece a um povo, também acontece a sua fé e aos símbolos que a sustentam. Em observação ao islã, ele identificou que o seu principal contexto, mas não o único, é criar e fortalecer a solidariedade social através dos seus rituais e dos símbolos religiosos, que juntos operam para sustentar a crença. Para Geertz, a ideologia individualista gerou um abismo entre o ser e o dever de ser. E o islã procurou diminuir esse abismo tornando a vida menos contrária ao senso comum. Para o autor, a religião não é a manifestação do divino sobre o humano, mas uma concepção do humano sobre o divino. Assim, os homens se agradam daquilo que consideram guias para se relacionar com o divino.

Nessas duas produções fílmicas, foram identificados e registrados, pelos estudantes que as assistiram, o sacrifício da comunidade argelina pela libertação do país, tanto em Argel, quanto nas vilas rurais, inclusive com a prática de atos incomuns que violam princípios sagrados, em nome de uma causa maior, como a cena em que as mulheres argelinas se vestem como as francesas, e até cortam seus cabelos, para se disfarçarem no bloqueio ao bairro árabe. Em outro momento, homens se vestem com trajes femininos, escondendo armas sob a burca, para driblar os guardas franceses.

Os estudantes ainda registraram que *A Batalha de Argel*, lançado na década de 1960, período de grandes turbulências culturais, sociais e políticas no mundo dividido pela Guerra Fria, teve sua exibição proibida na França e em alguns outros países que viviam distúrbios de descontentamentos de sua sociedade com o seu governo, inclusive no Brasil durante a ditadura militar. Também foi registrado pelos alunos o esforço da narrativa do filme em se aproximar ao máximo do fato real, principalmente por ter consultado agentes envolvidos nos confrontos e por empregar em certos momentos imagens reais, além da utilização de cenas que reconstituem a história, como no desfecho do filme, com a perseguição e a morte cruel dos terroristas, ações que são apontadas como marcas dessa guerra, tanto por estudiosos do assunto, quanto pelos idealizadores do filme.

Entre janeiro e setembro de 1957 a FLN recebia um duro golpe no episódio conhecido como “a batalha de Argel”, uma sucessão alucinante de choques armados e atentados que sacudiram a capital. Nesse episódio, a base de apoio dos rebeldes era a Casbah, o bairro árabe. Após usar todos os recursos de combate à guerrilha urbana, os paraquedistas anunciavam a liquidação da rede montada pelos rebeldes em Argel, coordenada por Yacef Saadi. (YAZBEK, 1983, p. 45).

Em ambos os filmes, na luta contra a França, conduzida pela FLN para a independência da colônia, ficou visível o apoio da população local aos rebelados e o fortalecimento do sentimento de revolta mediante as ações controladoras e violentas impostas pelo governo francês, inclusive contra civis inocentes e moradores da periferia de Argel e de aldeias inteiras das regiões interioranas, como retratado em cenas do filme *Na Mira do Inimigo*. Apesar de não estar explícito no filme, as pesquisas paralelas desenvolvidas pelos estudantes e apresentadas nos debates de sala de aula revelaram que o movimento pela independência conseguiu reunir diversos grupos, mesmo com tendências divergentes, em

torno dessa causa, como foi o caso do clericalismo muçulmano, do comunismo franco-soviético e do populismo nasseriano.¹¹

Além disso, os conflitos frequentes na cidade e na região das montanhas e a reação violentamente desproporcional dos dominadores fizeram crescer entre os argelinos o sentimento de nação, fato crucial para a mobilização geral de 1957, que levou o povo a marchar nas ruas da capital contra os colonizadores franceses.

Conclusão

Neste estudo dos Direitos Humanos, foram apresentadas algumas questões que levaram os estudantes a refletir sobre temáticas relevantes à cultura de paz e valorização da liberdade e dos princípios inerentes à dignidade humana, independentemente de cor, religião e nacionalidade. Este trabalho possibilitou aos estudantes uma visão ampliada dos direitos fundamentais ao ser humano, do papel do estado na garantia desses direitos e da relação entre a cidadania local e a ordem internacional imposta, de acordo com o momento histórico vivido.

Para incentivar as pesquisas e os debates sobre os Direitos Humanos, foram tomados como elementos motrizes os fatos determinantes na guerra argelina pela sua independência do domínio francês. Para isso, inicialmente foram utilizados dois filmes, igualmente importantes, que retratam áreas geográficas e situações sociais diferentes no conflito entre dominados e dominadores. O primeiro, *A Batalha de Argel*, é uma clássica produção cinematográfica que reconstituiu esse acontecimento, mostrando a luta anticolonial urbana na capital da Argélia e as práticas de tortura adotadas pelo exército francês para obter informações e intimidar os nativos na organização de novos atentados. O segundo, *Na Mira do Inimigo*, mostra o conflito nas montanhas, nas áreas rurais, com um olhar sobre as práticas de guerra do exército francês e a transformação gradativa de homens em bestas selvagens.

No decorrer dos 130 anos de dominação, os franceses controlaram a colônia norte-africana como se fosse uma parte do território francês, enquanto os argelinos eram tratados como estrangeiros em seu próprio país. Para manter o domínio francês, as primeiras manifestações pela libertação da Argélia foram tratadas com extremo rigor e isso acabou por

¹¹ Em referência a Gamal Abdel Nasser, líder da Revolução Egípcia da década de 1950, que promoveu o nacionalismo árabe tradicionalista e o desenvolvimentismo do Egito.

aprofundar, ainda mais, o ódio dos argelinos aos colonizadores. No auge dos confrontos, a França reforçou o seu exército de ocupação na Argélia com 500 mil soldados, destinados à eliminação da FLN e do símbolo da resistência, o comandante Ahmed Ben Bella, um rebelde argelino que tinha lutado na Segunda Guerra Mundial pelo exército francês.

Para o estudo dessas questões, alunos do Colégio de Aplicação da UFPE, participantes da disciplina de Direitos Humanos, assistiram aos filmes aqui indicados e identificaram nas filmagens os pontos referentes à privação da liberdade de um povo e ao desrespeito à vida humana, associando os fatos presentes nas filmagens e documentos basilares que servem de referências à essa questão, como a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, a Declaração Universal dos Direitos Humanos e as constituições dos países envolvidos (Argélia e França), além do acompanhamento de leitura de obra indicada, que trata da organização política em espaços micros e da mobilização popular no espaço público urbano (CARMO, 2011). Tal experiência mostrou-se uma oportunidade ímpar de trabalho com adolescentes sobre a cultura de paz, os direitos universais, a valorização da vida e da liberdade, a busca pela igualdade de direitos e a necessidade de resolução pacífica e dialógica dos conflitos.

Referências

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

CARMO, E. **O espaço micropúblico**. Recife: Universitária da UFPE, 2011. Disponível em: < http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=204481 >. Acesso em 29/05/2017.

BRAICK, P.; MOTA, M. **História**: das cavernas ao terceiro milênio. São Paulo: Moderna, 2010.

HERNANDEZ, L. **A África na sala de aula**: visita à história contemporânea. São Paulo: Sele Negro, 2008.

IZERROUGENE, B. **Argélia**: a tirania da identidade e a ascensão fundamentalista. In: Afro-Ásia, n. 21-22, 1998-1999. Disponível em < www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n21_22_p275.pdf >. Acessado em 17/07/2017.

GEERTZ, C. **Observando o Islã**: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

POERNER, A. **Argélia**: o caminho da independência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SERRANO, C.; WALDMAN, M. **Memória d'África**: a temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007.

TODOROV, T. **Os inimigos da democracia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

YAZBEK, M. **Argélia**: a guerra e a independência. São Paulo: Brasiliense, 1983.